

LEANDRO GOMES DE BARROS

# A CONFISSÃO DE ANTÔNIO SILVINO



**COLEÇÃO LUZEIRO**

Direção de  
ARLINDO PINTO DE SOUZA

LEANDRO GOMES DE BARROS

**A CONFISSÃO DE ANTÔNIO SILVINO**

**COMO ANTÔNIO SILVINO FEZ O  
DIABO CHOCAR**

Textos revistos e classificados por  
HÉLIO CAVENAGHI

Direitos adquiridos e registrados de acordo  
com a Lei na Biblioteca Nacional

1980



**LUZEIRO EDITORA LIMITADA**

03025 - RUA ALMIRANTE BARROSO N° 730  
TELEFONE: 93-8559 - CGC43.826.643/0001 00  
INSCR. ESTADUAL 109.085.107 - SAO PAULO

## FICHA

NOME — A CONFISSÃO DE ANTÔNIO SILVINO

TEMA — Cangaço

AUTOR — Leandro Gomes de Barros

LOCAL — Sem indicação DATA — Sem indicação

NÚMERO DE ESTROFES — 53 de sete versos de sete sílabas (septilhas ou obras de sete pés)

ESQUEMA DAS RIMAS — x a x a b b a (rima chamada aberta, porque o 1º e o 3º versos não rimam com nenhum outro)

OBSERVAÇÃO — As letras repetidas indicam os versos que rimam entre si. Indicam-se com x os versos que não rimam com nenhum outro.

FINAL — Estrofe normal.

BIOGRAFIA DO AUTOR — LEANDRO GOMES DE BARROS nasceu no Município de Pombal — Pb, em 1868. Aos 16 anos, transferiu-se para Pernambuco, onde morou nas cidades de Vitória, Jaboatão e Recife. Começou a escrever em 1889 e viveu unicamente do que lhe rendiam suas histórias versadas; compôs cerca de mil folhetos de versos populares, dos quais tirou mais de dez mil edições. Combativo e atuante, chegou a ser preso em Jaboatão, por sua obra **A Palmatória e o Punhal** (crítica aos métodos punitivos da justiça, em sua época), cuja edição foi apreendida. Morreu aos 4 de março de 1918, mas suas obras, até hoje, continuam sendo reimpressas e muito procuradas. Foi o maior poeta popular do gênero e abordou todos os tipos de temas — consideram-no o primeiro sem segundo.

---

O nome LITERATURA DE CORDEL provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao cordel ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição. No Nordeste brasileiro, mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas, fixadas em caixotes.

## A CONFISSÃO DE ANTÔNIO SILVINO

Antônio Silvino, um dia,  
Pensava na sua vida,  
Dizendo: — Minha existência  
Neste mundo foi perdida —  
Eu perco a graça do Eterno  
E o carrasco do Inferno  
Me espera de mão erguida!

Dessa vez, encontrou um padre,  
Entrando em conversação.  
Disse o padre: — Não se entregue  
A tal desesperação!  
Jesus, nosso salvador,  
Não despreza o pecador —  
'Tá no céu de prontidão!

É a Escritura que nos diz:  
Dimas foi um quadrilheiro,  
Madalena namorava,  
São Paulo foi cangaceiro . . .  
Todos foram perdoados —  
São hoje santificados,  
Graças ao manso Cordeiro!

Antônio Silvino disse:  
— Deus não me perdoa assim!  
Os cemitérios 'tão cheios  
De mortes feitas por mim:  
Cento e quarenta defuntos  
Estão num cantinho juntos —  
A esses lá eu dei fim!

Tanto que não penso mais  
Em pedir a Deus perdão,  
Pois tenho toda a certeza  
D'Ele me responder não!  
A vida é de desespero  
E o deus do cangaceiro  
É o rifle mais o facão!

Disse-lhe o padre: — Por isso  
Não deve desesperar —  
Deus é de misericórdia,  
Morreu para nos salvar!  
Silvino disse: — É custoso  
Eu, sendo tão criminoso,  
Deus ainda me perdoar!

Disse o padre: — Ora, Jesus  
Perdoou ao Bom Ladrão!  
Silvino perguntou: — Como  
Eu posso alcançar perdão?  
Disse o padre: — Se entregando —  
Primeiro se confessando,  
Se recolhendo à prisão!

Entregando-me o dinheiro,  
Que dos outros tem roubado;  
Me entregando esse armamento —  
Assim será perdoado!  
— Vote! respondeu Silvino.  
Você tem o guengo fino —  
Eu tenho o meu refinado!

Eu cá julguei outra coisa —  
Seu parecer não me serve!  
Quem vier lhe consultar  
Espere a desgraça breve!  
Esconda isso de mim:  
Desses conselhos assim,  
Dê ao Diabo que os leve!

Em vez do senhor dizer-me:  
**Vá ser um homem de bem,**  
**Não mate mais a seu próximo,**  
**Não roube mais a ninguém —**  
Quer ficar com o meu cobre  
E eu, além de preso, pobre,  
Sem pegar mais num vintém?

O padre disse: — O Diabo  
Faz de você um pitêu!  
Diga adeus à salvação,  
Pode tirar o chapéu —  
Mais fácil é um boi voar,  
A cobra se confessar,  
Do que você ir pro Céu!

Antônio Silvino disse:

— Eu não gosto de ouvir dengo —  
Está enganado, se pensa  
Fazer de mim mamulengo!  
Eu lhe meto esta macaca,  
Pego-o na ponta da faca —  
Fica de menos um quengo!

Então o padre lhe disse:

— Abra os olhos, cangaceiro!  
Dos rifles que se inventaram,  
Eu possuí o primeiro!  
Meu braço é forte e pesado,  
Meu punhal é temperado,  
Meu corpo ainda é ligeiro!

Voou a batina fora  
E disse: — Vamos ver lá!  
Quem morre na véspra é porco,  
Porque não sabe o que há,  
Mas eu só morro no dia!  
Medo é quase bruxaria —  
Eu nunca guardei-o cá!

Ali, Silvino chamou  
Pelo cabra dos Arroz;  
Lhe disse: — Pegue esse padre,  
Lasque ele e faça dois!  
Depois dele retalhado,  
Corte-o com muito cuidado,  
Dê pros cachorros depois!

Não findou ele a palavra  
E o padre saltou-lhe em cima,  
Encostou o punhal nele  
E disse: — Este aqui lhe estima!  
Este punhal é meu pai —  
A ponta dele, aonde vai,  
Diz por lá que é minha prima!

Antônio Silvino disse:  
— Meu padre, você está louco!  
Eu vou fazer-lhe um trabalho  
Que nunca se fez em porco —  
Você, antes de morrer,  
Talvez só possa dizer:  
**Meu carro encontrou um toco!**

O padre disse: — Meu filho,  
Talvez hoje eu lhe dê cabo —  
Dentro da igreja sou padre,  
Mas fora sou um diabo!  
Você diz que não tem fim,  
Porém, se partir pra mim,  
Vem mole que só quiabo!

Antônio Silvino disse:  
— Você não me viu de dia!  
Se me visse uma vez só,  
Tal blasfêmia não dizia —  
Ficava logo tremendo,  
Então corria, dizendo:  
**Credo-em-cruz! Ave Maria!**

Disse o padre ao cangaceiro:  
— Veja, você não se iluda —  
Se eu pôr-lhe o pé no pescoço,  
Eu não vejo quem o acuda!  
Vou lhe mostrar como é  
Que jia bebe café  
E cururu toma ajuda!

Antônio Silvino disse:  
— Pois vamos ver, padre-mestre!  
Custoso é ver sogra boa  
E nova-seita que preste,  
Bode por gosto lavar-se,  
Jumento no mar criar-se,  
Nascer baleia no agreste!

O padre disse: — Eu não acho  
Nada no mundo custoso —  
Só acho você sair  
Comigo vitorioso!  
Eu, no tempo que brigava,  
Todos os dias guardava  
Orelhas de criminoso!

Mais disse o padre: — Bandido,  
Vamos ver Deus por quem é!  
Você chupa sem ser cana  
E toma sem ser café —  
Mato qualquer um que venha,  
Inda mesmo que ele tenha  
Couro como jacaré!

Ali, Silvino atirou-lhe  
E errou-o completamente,  
O padre disse: — Silvino,  
Tu está com medo ou doente?  
Teu rifle está empenado —  
Ou não és exercitado,  
Ou inda és muito inocente!

O meu não sei se está certo,  
Que há tempo está carregado . . .  
Apertando ali o dedo,  
Foi um tiro desmarcado!  
Antônio Silvino disse:  
— Esse tiro que estruíste  
Foi muito mal empregado!

Lançaram mãos aos punhais,  
Partiram um a outro duro.  
Antônio Silvino disse:  
— Seu padre, seja seguro:  
Se o senhor não me matar,  
Ninguém hoje há de contar  
Os lugares onde eu furo!

Antônio Silvino disse:  
— Padre, você briga bem!  
De onde tiraram esse,  
Inda virá mais alguém?  
Pula que só bacurau,  
É bom na faca e no pau —  
Que pé ligeiro ele tem!

Há já três horas lutavam,  
Expostos ao Sol tão quente;  
Ninguém sabia dos dois  
Qual seria o mais valente!  
O padre disse: — Silvino,  
Abra seus olhos, menino —  
Você morre, ou cai doente!

Antônio Silvino disse:  
— Padre, tenha mais cuidado!  
Olhe que o Sol vai baixando,  
Você está muito suado!  
Mungunzá não é mingau  
E o risco que corre o pau  
Corre também o machado!

Eu já entrei numa luta  
Às oito horas do dia —  
Trinta praças me cercaram,  
Tinha até cavalaria!  
Dois oficiais morreram;  
Quando os soldados correram,  
Já era a ave-maria!

O padre disse: — Silvino,  
Vamos fazer amizade —  
Já brigamos quatro horas  
E eu inda estou com vontade!  
Os rifles já se esquentaram,  
Os punhais já se envergaram . . .  
Eu te confesso mais tarde!

Antônio Silvino disse:  
— Padre, eu sou desconfiado —  
Eu posso me confessar,  
Mas com você amarrado!  
Já percebeu como é:  
Eu me confesso de pé,  
O rifle aqui encostado!

O padre olhou-o e lhe disse:  
— Você é muito estradeiro!  
Me diga, por seu favor:  
O senhor já foi porqueiro?  
Está desejando chouriço . . .  
Silvino, deixe-se disso —  
Eu também fui cangaceiro!

E veja que não sou porco,  
Quando o dono o quer matar,  
Que se coça e ele se deita  
No banco onde o vão sangrar!  
Se pensa assim, pensa errado!  
Eu sou vigário colado —  
É difícil me pegar!

Antônio Silvino disse:  
— Seu padre, você é cismado,  
Mas eu não faço traição:  
Sou cangaceiro ilustrado!  
Porém previno o futuro —  
Vossa Mercê é seguro  
E eu sou desconfiado!

Eu posso me confessar,  
Você de lá e eu daqui;  
Não bula com as pestanas —  
Meu rifle não sai dali!  
Se você mover um braço,  
Não chega a mudar o passo:  
Eu toco-lhe fogo aí!

Antônio Silvino, ali,  
Descobriu, na confissão,  
Que deu uns murros num padre,  
Uns bolos num sacristão,  
Deu na mãe dum missionário,  
Correu atrás dum vigário —  
Foi um bafafá do Cão!

— Que pecado cometeste!  
Deus não pode perdoar!  
Silvino lhe perguntou:  
— Deus mandou ele me dar?  
Fiz uma ação muito boa —  
Guardei respeito à coroa,  
Deixei o pau vadiar!

— E a mãe do missionário —  
O que foi que ela te fez?  
Antônio Silvino disse:  
— Essa chamou um freguês  
E mandou ele emboscar-me;  
Pagou-o para matar-me —  
Quase vou por uma vez!

Juntou-se com o vigário  
E esse tal de sacristão  
E, entre aquelas três almas,  
Houve uma combinação —  
E o vigário, fingido,  
Esse estava prevenido  
Para lascar-me o facão!

— Só foi o que tu fizeste?  
O padre lhe perguntou.  
Antônio Silvino disse  
Tudo quanto se passou  
E não podia saber —  
Era impossível dizer! —  
Quantas pessoas matou.

Silvino disse: — Não falta  
Com quem eu tenha lutado —  
Até o próprio Diabo  
A mim já tem insultado!  
Almas não têm par nem conta:  
Meu punhal quebrou a ponta  
Num fantasma endiabrado!

Felizmente que até hoje  
Inda ninguém me venceu:  
Um corisco veio a mim,  
Porém de longe torceu;  
Um raio quis me partir,  
Mas pensou antes de vir —  
De longe se arrependeu!

Cobra teme me morder,  
Onça teme me emboscar;  
Cachorro late de longe,  
Porém não chega a avançar  
E nunca se encosta em mim —  
Tudo teme dar-me fim,  
Se arreda e deixa eu passar!

O padre então disse a ele:  
— Silvino, estás confessado!  
Mata tudo e deixa a mim,  
Que eu te perdôo o pecado!  
Quem quiser vote-lhe tédio —  
Onde não tem mais remédio,  
Tudo está remediado!

O padre ficou dizendo:  
— Quase que a onça me come!  
Antônio Silvino disse:  
— O padre estava com fome!  
Com ele não há quem brigue —  
Aquele é filho de tigre  
Ou neto de lobisome!

Já sei que no seminário  
Se aprende um pouco de tudo:  
Dar coice, jogar cacete,  
Desconfiar, ser carrancudo!  
Se aprende até jogar bola —  
Não se aprende a dar esmola  
E nem a vender miúdo!

Logo ao princípio pensei  
Que o padre não desse cado,  
Mas em meio à luta vim  
Achar um mau resultado!  
Ele não perdia vaza —  
Só quem tem alguma asa  
Ou tem o corpo azougado!

Era fatível correr,  
Se durasse mais uma hora —  
Por cansado, eu já botava  
Parte da língua de fora!  
Já estava em tribulações!  
Dizia com meus botões:  
Desta vez em vou embora!

O padre disse: — Um daquele,  
Eu digo publicamente:  
A mãe dele era uma cabra,  
O pai, cachorro doente!  
Deus ainda não gerou,  
Nem o Pajeú criou,  
Outra fera tão valente!

É mais sutil do que um gato,  
Não se confia em ninguém;  
Embosca mais do que onça  
E anda igualmente ao trem —  
Enfrenta a todos perigos  
E ainda espera os inimigos,  
Quando sabe que algum vem!

Eu tinha desconfiança  
Que comigo ele perdia —  
Tanto que, com meus botões,  
Diversas vezes dizia  
Que inda experimentava  
Se Antônio Silvino dava  
No sentido que eu queria.

Agora, posso dizer:  
Já vi coragem a bamburro,  
Encontrei pulso de aço  
E pescoço de chamurro!  
Eu direi, d'agora em diante:  
Já vi braço de gigante  
E disposição pra burro!

# **COLEÇÃO LUZEIRO**

Direção de  
ARLINDO PINTO DE SOUZA

**LEANDRO GOMES DE BARROS**

## **COMO ANTÔNIO SILVINO FEZ O DIABO CHOCAR**

Texto revisto e classificado por  
HÉLIO CAVENAGHI

Direitos adquiridos e registrados de acordo  
com a Lei na Biblioteca Nacional

**1980**

## FICHA

NOME — COMO ANTÔNIO SILVINO FEZ O DIABO CHO-  
CAR

TEMA — Cangaço

AUTOR — Leandro Gomes de Barros

LOCAL — Sem indicação DATA — Sem indicação

NÚMERO DE ESTROFES — 53 de seis versos de sete sílabas  
(sextilhas)

ESQUEMA DAS RIMAS — x a x a x a

OBSERVAÇÃO — As letras repetidas indicam os  
versos que rimam entre si. Indicam-se com x os  
versos que não rimam com nenhum outro.

FINAL — Estrofe normal.

## COMO ANTÔNIO SILVINO FÊZ O DIABO CHOCAR

Eu tive a vida tranqüila,  
Como qualquer inocente;  
Pegaram-me a aperrear,  
Tornei-me assim imprudente —  
O boi manso, aperreado,  
Arremete, certamente!

Um cabra matou meu pai  
E ficou bem descansado.  
Disse a um irmão que eu tinha:  
— Meu pai há de ser vingado —  
Inda o cabra lá no Inferno,  
Lá mesmo é esquartejado!

Meu irmão não foi comigo.  
Eu fui à povoação,  
Matei esse dito cabra,  
Atirei-lhe num irmão,  
Dei em dois cunhados dele,  
Botei-lhe a casa no chão.

Havia um parente dele,  
Que era subdelegado —  
Neste eu baixei o cacete,  
Quase que o deixo aleijado!  
Meti o pau no pai dele,  
Deixei-o no chão deitado.

Com quinze dias depois,  
Fui à Vila de Ingazeira,  
Matei o chefe político,  
Fiz se desmanchar a feira.  
Desta vez, o promotor  
Saiu de lá na carreira!

Voltei, disse a meu irmão:  
— Não fiz mais, porque não pude,  
Para vingar a meu pai!  
Só quero que Deus me ajude —  
O sangue que derramei  
Dava para encher açude!

Daí por diante, a polícia  
Tomou comigo cuidado.  
Eu também abri o olho,  
Vivo sempre preparado —  
Pode ela um dia apanhar-me,  
Mas é de corpo fechado!

Meu grupo consta de seis.  
Tenho boa munição:  
Mais de seiscentos cartuchos,  
Rifle, punhal e facão,  
E uma pistola mauser  
Não sai do meu cinturão.

Por aí há muita gente  
Que diz que eu sou encantado —  
Meu encanto é porque corro,  
Não espero por soldado!  
Se eu nunca fui comandante,  
Quero esse povo ao meu lado?

As orações que conduzo  
É correr e ser ligeiro,  
Ouvir bem e ver melhor,  
Conhecer ilha e outeiro.  
Não volto por onde vou,  
Não confio em companheiro.

Confio em São Dorme Pouco,  
São Assustado é comigo,  
Amo a São Escondedor  
Que me salva do perigo.  
São Pode Vir não me engana —  
São Seguro é muito antigo!

Do cento e quarenta homens  
Com quem eu tenho lutado,  
Apenas encontrei três —  
Esses me deram cuidado!  
Se eu não fosse tão ligeiro,  
Eles tinham me guisado!

Um deles foi um rapaz  
Bem descorado de cor.  
Esse, logo que me viu,  
Foi me dizendo: — Senhor,  
Quem nunca curou ferida,  
Não sabe o que é a dor!

E eu lhe disse: — Amarelo,  
Estás virando **lobisome!**  
Sem dúvida, vens beber sangue,  
Amanheceste com fome!  
Perdeste tua viagem —  
Hoje o urubu te come!

Ele nem me deu resposta:  
Puxou por uma pistola,  
Atirou-me bem no peito.  
Quase que o bicho me esfola!  
E eu lhe gritei: — Amarelo,  
Vontade também consola!

Mais de quarenta minutos,  
Nós lutamos nos punhais,  
Os tiros de nossas armas  
Descarregavam-se iguais,  
Só dois touros com furor  
Ou duas cobras **vorais**.

O outro foi um crioulo,  
Para ganhar cem mil réis.  
Este brigava sozinho,  
Que parecia ser dez —  
No lugar onde morava,  
Tinha a fama dos anéis.

Esse, com seis punhaldas,  
Não mudava mais um passo.  
Estava em ânsias de morte,  
Pôde apanhar um compasso —  
Vibrou-me em cima do peito,  
Quase me aleija um braço!

O outro foi um caboclo.  
Esse mandou me dizer:  
No dia que me encontrasse,  
Eu havia de saber  
Como se perdia uma luta  
E se aprendia a morrer.

Nos encontramos de noite,  
Fomos ambos a facção —  
Ele parecia um tigre,  
Eu parecia um leão.  
Nossas armas davam fogo,  
Só se tivessem carvão.

Antes de dar meia-noite,  
Eu ganhei, ele perdeu:  
Sentei-lhe o facção no crânio,  
Que o caboclo esmoreceu!  
O miolo da cabeça,  
Com esse golpe, desceu.

Daf, os parentes dele  
Pegaram a me perseguir.  
Eles muitos e eu sozinho,  
Não podia resistir —  
Matei mais uns quatro deles,  
Tratei de me escapulir.

Fui dar um giro em Belmonte,  
Triunfo, Exu e Salgueiro.  
De lá, fui a Petrolina,  
Visitei o Juazeiro,  
Em procura de um capanga  
Que era muito alcoviteiro.

Lá, matei o desgraçado  
E voltei para Granito.  
Fui atrás doutro chaleira,  
Em São José do Egito —  
Quase que o cabra me lambe,  
Mas lá eu briguei bonito!

De São José do Egito,  
Fui passear no Teixeira,  
Andei na Imaculada,  
Santo Antônio e Catingueira,  
Vila da Misericórdia,  
Pombal, Sousa e Cajazeira.

Eu estava na Cajazeira,  
A polícia me cercou,  
Devido a um inimigo  
Que lá me denunciou.  
Levei cento e vinte tiros,  
Porém nenhum me pegou.

Vi a coisa perigosa,  
Pulei por uma janela;  
Estava em trajes de soldado,  
Fingi-me ser sentinela.  
Depois de fora, gritei:  
— Não sou eu que caio nela!

Brigar com vinte e dois homens,  
Um sozinho, não é luxo!  
Dos punhais que eles traziam,  
A bainha era meu bucho!  
Pulei e disse comigo:  
— Fiquem queimando cartucho!

Corri tanto nessa noite,  
Que quase morro assombrado!  
Subi numa serra enorme,  
Um penhasco desgraçado —  
Passou-se um drama comigo,  
Que quase morro assombrado:

Vi uma cova na Terra,  
Que ia de cima ao centro.  
Consultei com meus botões  
Se devia ir ali dentro  
E disse: — Se ela me couber,  
Por que razão eu não entro?

Levei o punhal nos dentes  
E o rifle na outra mão,  
A mauser embaixo do braço,  
Apertei o cinturão,  
Agarrei-me em um cipó  
E lá fui no socavão.

Então, no centro da Terra,  
Deparei com uma clareira.  
Daí, segui a uma estrada,  
Limpa de uma tal maneira,  
Fiz um juízo comigo:  
— Esta estrada dá em feira!

E segui, de estrada a fora,  
Premeditando sozinho —  
Ali, não chiava um grilo,  
Não cantava um passarinho,  
Era um lugar esquisito,  
Fazia medo o caminho!

Eu fazia mil juízos,  
Mas sempre desacertado:  
Vinha às vezes uma idéia  
Que era um lugar encantado;  
Pensava que isto era um sonho,  
Porém estava acordado!

Adiante, vejo dois vultos.  
Veio-me a imaginação  
Não fossem meus inimigos,  
Em minha perseguição —  
Mas o da frente era um padre,  
O de trás o sacristão.

O padre, chegando perto,  
Com respeito me saudou;  
O sacristão, muito humilde,  
Também me cumprimentou.  
Perguntei-lhe admirado:  
— Padre Mestre, onde é que estou?

O padre me perguntou:  
— Encontraste alguém aí?  
Eu disse: — Padre, me diga  
Que lugar é este aqui!  
Disse o padre: — É o Inferno,  
E o Diabo mora ali!

Adiante, saí num campo,  
Avistei um povoado:  
Era a rua do Inferno.  
Estava o Diabo ocupado,  
Confessando um nova-seita,  
Que há pouco tinha chegado.

Bati num portão de ferro,  
Veio um diabo na grade.  
Perguntou-me: — Tens negócio  
A tratar nesta cidade?  
Eu cá já fiquei cismado . . .  
És espião de verdade?

Aí chegou o Diabo,  
Quando cheguei ao portão.  
Me perguntou: — Quem és tu?  
O que é que tens na mão?  
Aí aponteilhe o rifle  
E lhe mostrei o facão.

Disse o Diabo: — Eu de ti  
Hei de fazer um guisado!  
Chegou aqui, me pertence —  
Pode estar desenganado!  
Então, aí eu lhe disse:  
— Vosmecê está envergado!

Eu hoje também preciso  
De descarregar meu rifle —  
Você não fica com osso  
Que eu não espatife!  
Com esse punhal eu sangro,  
Com o facão faço bife!

Aí, o rei do Inferno  
Disse a outro companheiro:  
— Grite à negrada que acuda,  
Que aqui tem um cangaceiro!  
E abra os olhos com ele —  
Ele é muito carnicheiro!

Aí, eu puxei o rifle,  
Botei o portão abaixo.  
A cabeça do Diabo  
Ficou igualmente um facho.  
Eu disse: — Você conheça  
Que, aonde procuro, acho!

Então, o Diabo disse:

— Seu capitão, vá embora!

Se quer, dou-lhe um portador,

Para ir botá-lo fora!

Eu disse: — Ainda não estou cansado —

Só saio quando for hora!

Não tem mais um só lugar  
Que eu não tenha experimentado —  
Em toda parte do mundo,  
Tenho defunto plantado!  
Falta o Céu, mas o Inferno  
Já foi por mim explorado!

O Diabo perguntou-me:

— O senhor de onde vem?

Quem é e como se chama?

Que profissão é que tem?

— Eu sou Antônio Silvino,

Que não respeita ninguém!

Venho do mundo dos vivos,  
Saí esta madrugada —  
Vim visitar Rio Preto  
E dar adeus a **Cocada**.  
Vá chamar Antônio Félix,  
Meu colega e camarada!

Então, diga a **Relâmpago**,  
Meu antigo companheiro,  
Que agora faço intenção  
Deixar de ser cangaceiro —  
Isto é, não deixo o rifle,  
Que é quem me rende dinheiro!

Assim que o Diabo ouviu  
Tais palavras eu dizer,  
Perguntou a outro diabo:  
— Aonde eu vou me esconder?  
Eu disse: — Espere um pouquinho!  
Temos muito que fazer!

O Diabo estremeceu,  
A meus pés ajoelhou-se,  
Pedi-me dez mil desculpas,  
Depois disso confessou-se —  
Tanto que outro diabo  
Gritou de fora: — Danou-se!

Aqui não há exagero,  
Só digo o que se passou:  
No Céu ainda não fui,  
Nem sei se ainda lá vou —  
Pintei o simão no mundo  
E o Diabo de mim chocou!

Agora, vou ao Governo,  
Ele há de me dar perdão!  
Se não fizer como eu quero,  
Já vê que é feia a questão —  
Boto um freio no Brasil,  
Sustento as rédeas na mão!

# coleção luzeiro

## LITERATURA DE CORDEL

- Princesa da Pedra Fina  
Donzela Teodora  
O Papagaio Misterioso  
A Mulher que se Casou 18 Vezes  
O Cangaceiro Isaias  
Peleja Zé do Caixão c/ o Diabo  
Vicente, o Rei dos Ladrões  
Josafá e Marieta  
A Chegada de Lampião no Céu  
O Encontro de Canção de Fogo com José do Telhado  
O Pavão Misterioso  
Lampião, Rei do Cangaço  
João Acaba Mundo  
A Chegada de Lampião no Inferno  
Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum  
O Quengo de Pedro Malazarte no Fazendeiro  
Encontro de Lampião com Dioguinho Juvenal e o Dragão  
Piadas do Bogaço  
O Cachorro dos Mortos  
Vida e Testamento de Canção de Fogo José de Souza Leão  
Carta do Satanás a Roberto Carlos  
A Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões  
Os Quatro Sábios do Reino  
A Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira  
Os Três Conselhos da Sorte  
João Soldado  
A Triste Sorte de Jovelina  
O Valente Zé Garcia  
Zé Bico Doce  
Antônio Silvino  
Os Cabras de Lampião  
O Negrão do Paraná  
Encontro de Canção de Fogo com Pêro Malazarte  
Zezinho e Mariquinha  
História do Boi Leitão  
Valdemar e Irene  
A. B. C. dos Namorados  
Os Sofrimentos de Alzira  
Rufino, o Rei do Barulho  
Peleja de Manoel Riachão com o Diabo
- A Louca do Jardim  
O Jogador na Igreja  
João de Calais  
O Amor Entre a Verdade e o Punhal  
Rosinha e Sebastião  
Peleja do Filho de Aderaldo com o Filho de Zé Pretinho  
Antônio Cobra-Choca  
O Bojadeira Valente  
Cidrão e Helena  
Tubiba, o Desordeiro  
Coco Verde e Melancia  
Amor de Mãe  
Dimas e Madalena  
Os Olhos de Dois Amantes por Cima da Sepultura  
Vicente e Josina  
O Príncipe Formoso  
O Nero do Amazonas  
O Comprador de Barulho  
Batalha de Oliveiros e Ferrabrás  
Amor e Martírio de Uma Escrava  
O Sacrifício do Amor ou o Noivo Ressuscitado  
O Prêmio da Consciência  
A Coragem de Juquinha Pelo Amor de Ivonete  
João sem Direção  
O Bom Pai e o Mau Filho  
Jesus e o Mestre dos Mestres  
A Princesa Rosamunda  
Helena, a Virgem dos Sonhos  
A Disputa do Bogaço com um Padre  
O Amor de Maristela e a Luta de um Bojadeira  
O Escravo Fiel  
A Sorte do Amor  
Manassés e Marili  
Grinaura e Sebastião  
Bicho de Sete Cabeças  
A Recompensa do Diabo  
O Contador de Mentiras  
As Astúcias de Camões  
O Príncipe João sem Medo  
Padre Cicero, o Santo do Juazeiro  
Proezas de João Grilo  
Os Mistérios da Princesa dos Sete Palácios de Metais  
Princesa do Reino do Mar-sem-Fim

**PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL  
LUZEIRO EDITORA LIMITADA**

**03025 - Rua Almirante Barroso, 730 - São Paulo**



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).